

O CONHECIMENTO DOUTRINÁRIO E A TRADIÇÃO PENTECOSTAL

RONALDO DE JESUS ALVES

Prof. Mestre, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ.
ronaldodejesus@uol.com.br

YOHANS DE OLIVEIRA ESTEVES

Prof. Doutor, Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ.
yoesteves@gmail.com

ISAÍAS LUIS DE ARAÚJO JÚNIOR

Prof. Mestre, UNIRIO, Rio de Janeiro, RJ.
profisaiajr@gmail.com

CLÁUDIO MÁRCIO PINHEIRO MARTINS

Prof. Mestre, PUCRJ, Rio de Janeiro, RJ.
prclaudiomartins@gmail.com

Resumo: O conhecimento doutrinário e a tradição dos cristãos pentecostais possuem um conteúdo específico, cujas origens e fundações estão contidas nas Escrituras e cultura judaico-cristã. Este estudo busca entender a interface entre conhecimento doutrinário e tradição pentecostal. O artigo conclui que os cristãos pentecostais precisam desenvolver uma perspectiva ampliada sobre sua experiência com Deus, de acordo com os princípios e pressupostos da tradição pentecostal. Estudiosos da teologia pentecostal devem pôr seus olhos sobre todos os aspectos da construção teológica, reconhecendo o sistema doutrinário revelado nas Escrituras Sagradas como mantenedor da tradição, e não rejeitar a contemporaneidade das revelações do Espírito Santo.

Palavras-chave: Conhecimento doutrinário; tradição pentecostal; pentecostalismo.

Abstract: The doctrinal knowledge and tradition of Pentecostal Christians have a specific content, whose origins and foundations are contained in the Scriptures and Judeo-Christian culture. This study seeks to understand the interface between doctrinal knowledge and Pentecostal tradition. The article concludes that Pentecostal Christians need to develop an expanded perspective on their experience with God, according to the principles and assumptions of the Pentecostal tradition. Scholars of Pentecostal theology must set their sights on all aspects of theological construction, recognizing the doctrinal system revealed in the Holy Scriptures as maintaining the tradition, and not rejecting the contemporaneity of the revelations of the Holy Spirit.

Keywords: Doctrinal knowledge; Pentecostal tradition; Pentecostalism.

1. Introdução

A humanidade contemporânea, assim como as anteriores, busca algum significado para sua existência. Ela persegue uma experiência que lhe traga algum conhecimento sobre o que sustenta a vida, sobre sua origem; algo que lhe traga esperança, e por consequência, fé^{1,2}. Isso desagua num conhecimento que reconhece a intrínseca dimensão espiritual do homem, revelando a crucialidade do mistério espiritual na vida da humanidade.

A falta ou defasagem de conhecimento sobre Deus pode enfraquecer os cristãos de hoje e das gerações subsequentes, e “falsear” suas experiências com o Criador. Nessa linha, o teólogo pentecostal Gordon Fee (2007) argumenta que para um mundo qualificado como “pós-cristão”, onde o individualismo, o legalismo e o relativismo prevalecem, a igreja se tornou um “museu sem uso”, algo sem relevância para a sociedade. O mesmo autor destaca a sua percepção de que, parte da igreja, deixou-se contaminar pela ética relativista e pela política particular, em que ambas são estranhas ao caráter de Deus. Isso demonstra o enfraquecimento da fé humana e a necessidade de apreendermos um conhecimento que vá além das sistematizações de dados e informações sobre alguma coisa.

Os pentecostais representam um espectro doutrinário de diversas crenças e práticas (JACOBSEN, 2006). No entanto, compartilham uma preferência pela experiência espiritual como pré-condição para a formulação doutrinária e teológica, baseados em uma lente hermenêutica fundamentalmente bíblica (ELLINGTON, 2001). Eles tendem a se envolver com a narrativa em um sentido literal e existencial (PINNOCK, 2000).

Os cristãos pentecostais exigem uma estratégia hermenêutica que envolva um diálogo tridático interdependente entre a Escritura, o Espírito e a comunidade eclesial, resultando em um significado baseado em princípios práticos, sob a liderança do Espírito Santo (ARCHER, 2004).

A doutrina chamada “batismo com o Espírito Santo” tem sido mais evidenciada na experiência pentecostal do que na geração e comunicação de conhecimento pentecostal

¹ 2 Coríntios 5.7

² Marcos 11.22

(MACCHIA, 2008). Essa disparidade entre experiência e conhecimento tem acarretado sérias consequências para a tradição pentecostal. Por exemplo, quando a experiência do batismo no Espírito Santo é comunicada de maneira equivocada à geração seguinte, o conceito doutrinário se torna restrito à experiência subjetiva apenas um indivíduo. A limitação de conhecimento sobre este conceito evocará uma experiência espiritual igualmente limitada.

O objetivo deste artigo é entender a interface entre conhecimento doutrinário e tradição pentecostal. A seção seguinte apresenta conceitos sobre conhecimento e tradição, bem como suas aplicações à luz da teologia pentecostal. Na última seção estão as considerações finais e breves reflexões.

2. Conhecimento e tradição

2.1. O conhecimento de Deus

A palavra “conhecimento” é oriunda da palavra “conhecer”, do latim da Roma antiga “*cōgnōscere*” (CUNHA, 2010). A palavra “conhecer” sobrevém do mesmo radical da palavra “gnose”, que significa “conhecimento”, ou “gnóstico”, que é quem possui o conhecimento. Refere-se a ter compreensão ou familiaridade. No Antigo Testamento, o conhecimento está principalmente relacionado à experiência e ao relacionamento. Já o Novo Testamento desenvolveu conceitos mais epistemológicos de conhecimento (GARRETT, 2016).

À luz da Bíblia, Deus é a origem de todo tipo de conhecimento^{3,4,5}. O conhecimento de Deus dá entendimento àqueles que buscam e se alimentam da Palavra^{6,7}. É de extrema importância aproximar o conhecimento de Deus ao conhecimento humano, por meio de experiências espirituais vivenciadas pelo cristão⁸ e pelo estudo das Escrituras⁹. Experiências corriqueiras, do nosso dia a dia, podem ser codificadas à luz da Palavra de Deus e por meio dos conceitos doutrinários. Leituras diárias da Bíblia, devocionais, estudos em grupo e cultos familiares, por exemplo, podem contribuir para o aumento do nosso conhecimento sobre Deus¹⁰ e da nossa autoridade espiritual. Essa autoridade é

³ Gênesis 2.9

⁴ Tiago 1.16-18

⁵ Salmo 139.6

⁶ Salmo 15.14

⁷ Oseias 6.3

⁸ Romanos 11.33

⁹ Provérbios 12.15

¹⁰ 2 Pedro 3.18

concedida à Bíblia, e a Palavra de Deus revelada é mediada aos crentes pelo Espírito (MEI, 2001). A experiência individual é conduzida pelo Espírito, em que este contribui para a compreensão da revelação, entretanto, em todos os casos, o testemunho bíblico deve ser visto como uma regra suficiente para a fé e a prática (RAILEY; AKER, 2007; BROWN, 1974).

2.2. *A diferença entre conhecimento e crença*

Conflitante ao conceito bíblico de “conhecimento”, está o conceito originado pelas culturas presentes no Antigo Oriente Próximo, fronteiriças a Israel. No antigo Oriente Próximo, o conhecimento estava intimamente ligado às visões (ou cosmovisões) de uma civilização sobre as origens divinas e humanas, atrelado às abordagens antropomorfistas e de personificação de divindades. Isso vai contra a narrativa bíblica, que evidencia a crença em que o Deus de Israel é a Divindade Única e é o Único e Soberano Criador de todas as coisas.

As crenças em divindades advêm de alguns tipos de conhecimento. Citamos aqui, apenas dois tipos de crenças que estão associadas ao conhecimento: crenças não-reflexivas e crenças reflexivas (SPENBER, 1997; BARRETT; LANMAN, 2008).

A crenças não-reflexivas estão associadas ao conhecimento tácito. Essa crença é composta por representações cognitivas, que não passam por qualquer tipo de crivo mental complexo, recursos conscientes, reflexivos ou deliberados. Crenças não-reflexivas incluem ideias como: “a terra gira”, “se eu entrar em contato com a água, eu me molho”, etc. Do outro lado, as crenças reflexivas demandam um conhecimento prévio organizado, por meio da consciência – do latim *cōnscientiā*, que significa “conhecimento partilhado por alguém”. Crenças deste tipo incluem ideias como: “a onça pintada é mais corpulenta do que um leopardo, e, por isso, perde em agilidade para este”. Nesta última, há a necessidade de um esforço intencional pelo conhecimento.

O verdadeiro conhecimento foi apresentado por revelação e confirmado pela razão e experiência^{11,12}. A bela simplicidade do cristianismo é o seu equilíbrio entre razão e revelação. O “ofício” da fé pode tirar o homem das trevas e dar origem a uma nova compreensão e iluminação. Seguindo as ideias de Bacon, Boyle afirmou que descobertas científicas destinadas ao aprimoramento do homem foram, em última

¹¹ 1 Coríntios 14.6

¹² Efésios 1.17

análise, uma revelação de Deus. Tais revelações surgiram de um trabalho de pesquisa condescendente, e, sobre isso, Bacon e Boyle argumentaram que a filosofia poderia incutir grande fé. Deus recompensou os fiéis que realizaram pesquisas filosóficas no espírito de piedade prática, concedendo *insights* graduais sobre o funcionamento da natureza (MADDEN, 2006).

2.3. *A busca do conhecimento de Deus*

A busca do conhecimento de Deus nos remete aos interesses da atividade intelectual, que é o centro inspirador da consecução do relacionamento íntimo com o Criador¹³, e precede às funções exercidas na comunidade eclesial. Adentrar-se profundamente no campo doutrinário é algo prudente a se fazer se você pretende iniciar um desenvolvimento racional da ciência divina. Isso culminará na maturidade intelectual e elevação espiritual, constituindo a completude da vida no Espírito.

Para desenvolver um bom nível intelectual baseado no conhecimento de Deus, não devemos nos entregar a qualquer material ou publicação que prometa um conhecimento pronto sobre uma doutrina ou cosmovisão em poucas horas. Essa decisão deve ser um processo consciente, considerando o eixo doutrinário de base, e suportado pelos princípios da Palavra de Deus^{14,15}.

Não que as forças extrínsecas não tenham seu devido valor, mas, aqui, a invocação de Deus, e a presença do Espírito Santo, tem seu lugar prioritário (YONG, 2009). A busca pelo conhecimento passa pelo caminho seguro do Espírito Santo¹⁶, orientando-nos, pessoalmente, à Eternidade e à revelação, considerando a tradição.

2.4. *A tradição e a teologia pentecostal*

A regulamentação da espiritualidade está intimamente relacionada à sua ideia de tradição, que nada mais é que o processo pelo qual a igreja transmite seus valores centrais e orientadores. Neste senso, o termo tradição ressalta a natureza ativa do processo de formação intencional de conhecimento doutrinário, com o objetivo de perpetuar a fé cristã para as futuras gerações.

¹³ Romanos 12.2,7

¹⁴ Hebreus 5.12

¹⁵ Salmo 111.10

¹⁶ 1 João 2.20

De tal modo como uma espiritualidade coesa requer sucessivos aprimoramentos para aperfeiçoar a pessoa cristã, o processo de tradição requer um esforço sistemático e contínuo para desenvolver um conjunto de crenças coerente com o eixo doutrinário professado por determinada comunidade, para que todos comuniquem sua mensagem com clareza espiritual e lógica paraxial.

No contexto teológico, a tradição também pode ser entendida como um macrocosmo da formação espiritual do cristão individual (STEPHENSON, 2016). Nesse sentido, a tradição impetra, primeiramente, o pensamento integrativo e organizado do conhecimento por meio da teologia sistemática (logicismo teológico ou ordenação das doutrinas bíblicas), que deve estar apropriadamente relacionada as regras da espiritualidade e doutrina (STEPHENSON, 2006; VONDEY, 2018).

Enfim, a tradição é a transmissão ou compartilhamento não exclusivamente de crenças teológicas, mas também de práticas experienciais de fé exibidas por meio de uma teologia espiritual (STEPHENSON, 2006). Em todo o processo de tradição, o desenvolvimento do conhecimento é parte indissociável do argumento doutrinário, pois este é a base de sustentação da fé cristã.

Alguns estudiosos da teologia pentecostal afirmam que os pentecostais têm negligenciado o desenvolvimento do conhecimento doutrinário de maneira mais aprofundada, preferindo acentuar suas crenças e práticas distintas, em vez de interpretá-las como existindo dentro de um padrão teológico mais amplo (THOMPSON, 2020). Além da “autoexclusão” desnecessária de outras denominações cristãs, tal postura também empobrece as crenças e práticas que os pentecostais têm a intenção de afirmar. É necessário desenvolver uma teologia pentecostal que fuja dos relatos teológicos superficiais, e enfoque questões mais significativas para esta denominação, como o batismo com o Espírito Santo e a glossolalia.

Entre os pentecostais da chamada “segunda geração”, o batismo com o Espírito Santo é recebido primeiro como uma doutrina antes de ser praticado na experiência pessoal (WACKER, 2001). Todavia, quando a doutrina é mal comunicada e mal entendida, a experiência pretendida não ocorre. A falta de conhecimento e o surgimento de dúvidas sobre a teologia pentecostal tradicional, pode lançar dúvidas sobre a própria experiência individual do cristão. Se os cristãos pentecostais desejam comunicar a realidade original às gerações subsequentes, eles devem desenvolver um conhecimento teológico que a encapsule de forma adequada e fiel a sua tradição.

3. Considerações finais e breves reflexões

Para produzir uma teologia pentecostal própria e consistente, os esforços do labor intelectual devem apresentar resultados com elocuições dos atores do próprio eixo doutrinário, visando atender as demandas e necessidades da sua comunidade eclesial. O que tem sido percebido, é a necessidade latente de se ter uma teologia pentecostal que não resvale ou dependa de teólogos que são contrários ou não respeitam a tradição pentecostal. Portanto, precisamos gerar e nutrir conhecimento para uma teologia que supra, diretamente, as demandas do Movimento Pentecostal. Isso não quer dizer uma “autoexclusão”, ou um distanciamento desmedido de estudiosos de outras doutrinas, ou ainda, o afastamento de autores discordantes, mas sim, ressaltar a necessidade de formar nossos próprios círculos intelectuais.

O propósito aqui não é uma segregação doutrinária exclusivista e excludente. O que queremos mostrar é que a utilização e a interpretação errada de documentos e publicações de autores que são de denominações distintas e doutrinariamente conflitantes, pode, sim, gerar efeitos ulteriores equivocados. É fundamental distinguir cuidadosamente as divergências doutrinárias e qual tradição cristã pratica o autor que você está consultando e se baseando.

Para avivamentos espirituais precisamos mudar a mentalidade da atual e das futuras gerações. A falta de conhecimento doutrinário e do real entendimento da tradição pentecostal pode afastar o verdadeiro significado e compreensão dos relatos bíblicos. O testemunho da Escritura e o testemunho do Espírito Santo (conhecido como Hermenêutica Testemunhal) exigem um ambiente dinâmico de relacionalidade (relacionamento de Deus com suas criaturas), em que a transcendência de Deus não pode ser ignorada ou abstraída.

O conhecimento de Deus está acima de qualquer denominação religiosa ou eixo doutrinário, furtando-se de interesses escusos de teologias deturpadas e manipuladas. Ele é a fonte do verdadeiro conhecimento e sabedoria^{17,18,19}. Em suma, devemos crescer

¹⁷ Provérbios 2.6

¹⁸ Reis 4.29

¹⁹ Tiago 1.5

em conhecimento²⁰, reconhecendo que não conhecemos tudo^{21,22}, que conhecemos apenas o que é possível²³, e que o conhecimento é um processo contínuo²⁴.

Referências

ARCHER, K. J. A Pentecostal Hermeneutic for the Twenty First Century: Spirit, Scripture and Community. London/New York: T&T Clark, 2004.

BARRETT, J. L., LANMAN, J. A. The science of religious beliefs. Religion v.38, p.109-124, 2008.

BROWN, C. Philosophy and the Christian faith. Downers Grove: InterVarsity, 1974.

CUNHA, A. G. Dicionário etimológico da Língua Portuguesa, 4ed. revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexicon, 744p., 2010.

ELLINGTON, S. A. History, Story, and Testimony: Locating Truth in a Pentecostal Hermeneutic. Pneuma: The Journal of the Society for Pentecostal Studies, v.23, n.2, p.245-263, 2001.

FEE, G. D. Pablo, El Espíritu y El Pueblo de Dios. 1.ed. Miami: Editorial Vida, 2007. p. XXI, 2007.

GARRETT, J. K. Knowledge. In: D. BARRY, J. D. et al. (Orgs.), The Lexham Bible Dictionary. Bellingham, WA: Lexham Press, 2016.

JACOBSEN, D. A reader in Pentecostal theology: Voices from the first generation, Bloomington: University Press, 2006.

MACCHIA, F. D. Baptized in the Spirit: Reflections in Response to My Reviewers. Journal of Pentecostal Theology, v.16, n.1, p.14-20, 2008.

MADDEN, D. The limitation of human knowledge: Faith and the empirical method in Jonh Wesley's medical holism. History of European Ideas v.32, n.2, p.162-172, 2006.

MEI, J. N. M. Die verstaan van die boodskap van Miga binne 'n Pinkster-hermeneutiese raamwerk, met besondere verwysing na Miga 2:1-13. Dissertação (Mestrado em Estudos Bíblicos) – University of South Africa, Pretoria.

PINNOCK, C.H. Divine Relationality: a Pentecostal Contribution To the Doctrine of God. Journal for Pentecostal Theology, v.16, n.16, p.3-26, 2000.

²⁰ Lucas 2.52

²¹ I Coríntios 13.9

²² Deuteronômio 29.29

²³ Romanos 1.19

²⁴ Oseias 6.3

RAILEY, J. H.; AKER, B. C. Theological foundations. In: HORTON, S. (Ed.). Systematic theology. Springfield: Logion, 2007. p.40-60.

SPERBER, D. Intuitive and reflective beliefs. Mind and Language v.12, p.67-83, 1997.

STEPHENSON, C. A. Types of Pentecostal Theology. New York: Oxford University Press, 2016.

STEPHENSON, C. The Rule of Spirituality and the Rule of Doctrine: A Necessary Relationship in Theological Method. Journal of Pentecostal Theology, v.15, n.1, p.83-105, 2006.

THOMPSON, P. Challenges of Pentecostal Theology in the 21st Century. London: SPCK Publishing, 2020.

VONDEY, W. Religion as Play: Pentecostalism as a Theological Type. Religions, v.9, n.3, paper 80, 2018.

WACKER, G. Heaven Below: Early Pentecostals and American Culture. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 2001.

YONG, A. The Spirit at Work in the World: A Pentecostal-Charismatic Perspective on the Divine Action Project. Theology and Science, v.7, n.2, p.123-40, 2009.

YONG, A. Theology and Down Syndrome: Reimagining Disability in Late Modernity. Waco, TX: Baylor University Press, 2007.